

A AURORA

O Arauto da Presença de Cristo



A AURORA

Vol. 9 No. 2

MARÇO ABRIL 2016

Publicada em Alemão, Croata, Espanhol, Francês, Grego, Inglês, Italiano, Polonês, Português, Romeno, Russo e Ucrainiano.

CONTEÚDO DESTE NÚMERO

A AURORA é publicada bimestralmente por The Dawn Bible Students Association, Divisão em português, 199 Railroad Avenue, East Rutherford, NJ 07073, USA
www.dawnbible.com

Sirva-se notificar-nos imediatamente sua mudança de domicílio. Inclua a etiqueta de envio de sua revista, e envie-a juntamente com seu novo endereço. Preço anual: US \$12.00 (6 números) Sem custo de fora os EUA

ALEMANHA: Tagensbruck Bibelstudien-Vereinegung, Alzeyer Str. 8 (Postfach 252), D 67253 Freinsheim

ARGENTINA: El Alba, Calle Almirante Brown 684, Monte Grande, Buenos Aires

AUSTRÁLIA: Berean Bible Institute, P.O. Box 402, Rossana, Victoria, 3084

BRASIL: A Aurora, Caixa Postal 50088, Rio de Janeiro, RJ CEP 20050-971 E-mail: estudantesdabiblianobrasil@gmail.com

CANADÁ: P.O. Box 1565, Vernon, British Columbia, V1T 8C2 Canada

COLÔMBIA: A.A. 7804, Medellín, Antioquia.

ESPAÑA: El Alba, Via S. Leonardo 21, Octaviano 80044, Napoli, Italia

FRANÇA: Aurore, 45, Avenue de Gouvieux, 60260, Lamorlaye

GRÉCIA: He Haravgi (The Dawn), 199 Railroad Ave., East Rutherford, NJ 07073 USA

ILHAS BRITÂNICAS: Associated Bible Students, 102 Broad Street, Chesham, HP5 3ED

ÍNDIA: The Dawn, Blessington, #34, Serpentine St., Richmond Town, Bangalore 560025

ITÁLIA: Aurora, Via Ferrara 42, 59100 Prato

DESTAQUES DA AURORA

Cristo — as primícias da ressurreição 2

ESTUDOS

INTERNACIONAIS DA BÍBLIA

A fé poderosa 16

A fé simples 18

A fé em conflito 21

A fé na ressurreição 23

VIDA E DOCTRINA CRISTÃ

Seus últimos dias 26

The Dawn
Portuguese Edition

March – April 2016

A menos que se indique o contrário a tradução da Bíblia usada nesta Revista é a Versão Almeida Corrigida Fiel/ACF – Edição de 2011

Printed in USA

Cristo — as primícias da ressurreição

“Mas, agora, Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem.” — 1 Coríntios 15:20 (Tradução Brasileira)

Prefácio: Muitos no mundo cristão dão atenção especial nesta época do ano às experiências e eventos relacionados com a vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus Cristo. As páginas desta edição de “A Aurora” também se concentrará nesse tema vital. Ao recapitularmos algumas das maravilhosas verdades centradas no grandioso presente de Deus, seu “Filho unigênito”, esperamos que sua fé no propósito divino de trazer em breve as prometidas bênçãos do reino à humanidade seja renovada. Que a consideração dessas lições oportunas nos estimule a caminhar com o Mestre diariamente com muito mais fé.

NO DOMINGO, dia 27 de março, milhões de pessoas em toda a Terra celebrarão a ressurreição de Jesus Cristo. Muitos participarão com reverência e honra nas cerimônias religiosas para comemorar esse evento importante. Alguns também aproveitarão a ocasião para se reunirem em família e desfrutar das bênçãos do dia. A mensagem contida nos milhares de sermões proferidos no Domingo de Páscoa darão, sem dúvida, certa medida

de esperança a alguns. Contudo, de modo geral o verdadeiro significado da ressurreição de Cristo não será apreciado, principalmente porque esse não é compreendido.

A ressurreição do “Filho unigênito” de Deus desempenha uma relação vital com o grande plano das eras que o Criador tem executado para a derradeira bênção da condenada e morredoura raça humana. (João 3:16) Não se trata de uma sugestão para um plano, que pode ou não se realizar. O plano de Deus será posto em ação até sua conclusão bem-sucedida. O mesmo não acontece com os planos de homens. Muitos se sentem induzidos a dizer: “Ah, se as leis corretas fossem aprovadas; se as pessoas fizessem isso ou aquilo; se os indivíduos certos fossem eleitos para os cargos governamentais; se as igrejas assumissem maior liderança nos assuntos humanos; ou, ainda, ah, se isso ou aquilo pudesse ser feito, então o mundo seria um lugar muito melhor para se viver.”

Há muito sofrimento no mundo hoje em dia, mas isso não é novidade. Tem sido assim por todas as eras desde a criação. Agora, porém, além das aflições costumeiras relacionadas com o reinado do pecado e da morte, o mundo está passando por um período profeticamente descrito nas Escrituras como um “um tempo de angústia, qual nunca houve, desde que houve nação”. (Dan. 12:1) Essa angústia é global, e as pessoas têm se perguntado por que, se realmente existe um Deus no céu, ele não parece fazer nada para aliviar o sofrimento da criação humana. A verdadeira resposta a essas questões revela a diferença entre o plano de Deus

para a humanidade e os planos feitos pelos humanos decaídos.

A Bíblia indica que desde que o homem transgrediu à lei divina no Jardim do Éden, Deus tem feito algo para libertar suas criaturas humanas da morte resultante dessa transgressão. Deus não está procurando o homem para informar-lhe o que ele precisa fazer com o sofrimento humano, pois Deus tem seu próprio plano, o qual tem estado avançando, século após século, era após era, rumo à conclusão. Esse plano prevê a eliminação de todo o sofrimento humano, incluindo a destruição do “último inimigo ... a morte”. (1 Cor. 15:26) O cumprimento desse plano não se limita a algumas gerações, mas aplica-se a Adão e Eva, bem como a todos os que têm vivido desde então. Deus ama os membros de sua criação humana que viveram antes do Dilúvio com a mesma intensidade com que ele ama as pessoas de nossos dias, e, de fato, todas as sucessivas gerações desde o início. Quando lemos que “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”, vemos uma referência ao amor de Deus por toda a raça humana. — João 3:16

A EXPERIÊNCIA COM O MAL

Deus viu que toda a humanidade precisava experimentar os terríveis resultados do pecado. Seu projeto era que a Terra ficasse cheia de sua criação humana. Isso seria realizado pela procriação: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra”, instruiu a Adão e Eva. (Gên. 1:28) Deus permitiu que nossos primeiros pais transgredissem sua lei. Ele sabia que passar pela

experiência com o mal seria o melhor modo de criar no íntimo deles uma resoluta determinação para oporem-se ao pecado e para andarem no caminho da justiça.

Deus sabia que essa experiência com o mal poderia, similarmente, beneficiar a todas as suas criaturas humanas, de modo que tem permitido que o pecado e a morte existam através das eras. Ele continuará permitindo isso até nascer um número suficiente de pessoas para encher a Terra de modo apropriado. Daí, ele intervirá em prol da humanidade sofredora. Esse esquema não quer dizer que Deus não se interessa por suas criaturas humanas. Ele continua a amar a humanidade, e, por todas as eras tem estado preparando um meio pelo qual ela será liberta do pecado e da morte.

AS PROMESSAS DA PALAVRA DE DEUS

O desenrolar do plano de Deus pode ser visto nas muitas promessas contidas em sua Palavra, começando em Gênesis e concluindo no Livro de Apocalipse. Ao sentenciar nossos primeiros pais à morte, Deus disse a Satanás — simbolizado pela serpente — que a semente da mulher machucaria a cabeça de Satanás, e que a semente desse machucaria o calcanhar da semente da mulher. (Gên. 3:15) Essas palavras são muito enigmáticas. Contudo, à luz do subsequente desenrolar do plano de Deus, descobrimos que essas palavras ditas à serpente são uma referência à destruição final de Satanás e do mal, como resultado da obra sacrificial de Cristo.

A semente mencionada em Gênesis é descrita em Apocalipse 20:1, 2 como um “anjo”, o qual é visto

‘descendo do céu’ e prendendo “o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás”, amarrando-o por mil anos. Esse período de mil anos também é chamado de reino de Cristo. (vs. 4, 6) Esse capítulo de Apocalipse, bem como o capítulo seguinte, descrevem as bênçãos que a humanidade receberá em resultado do reinado milenar de Cristo. Essas bênçãos são tão extensas que até os mortos são vistos sendo “entregues”, ou “dados”, pelo “inferno” [grego: ‘*Hades*’, que significa a *sepultura*], com o objetivo de voltarem a obter o favor de Deus e a comunhão com ele. (vs. 12-15; cap. 21:1-4) Quando essa gloriosa obra começar, as pessoas não vão mais perguntar por que Deus não faz algo a respeito do sofrimento humano.

A PROMESSA DA “SEMENTE” FEITA A ABRAÃO

Depois do Dilúvio Deus fez uma promessa maravilhosa a Abraão, a qual novamente revelava que ele tinha a intenção de fazer algo a respeito do sofrimento humano. Deus disse a Abraão que por meio de sua “semente”, ele abençoaria “todas as famílias da terra”. (Gên. 12:3; 22:18) Quando Abraão demonstrou sua fé e lealdade por estar disposto a oferecer seu filho, Isaque, em sacrifício, Deus confirmou sua promessa “com juramento”. — Heb. 6:13-18

Ao confirmar a promessa, Deus disse a Abraão que a semente dele ‘possuiria o portão de seus inimigos’. (Gên. 22:17) Nos tempos antigos, as cidades eram cercadas de muralhas para proteção contra inimigos. Assim, aqueles que possuísem, ou tivessem poder sobre os portões, eram de fato os que controlavam as cidades.

Portanto, a profecia de Deus dava a entender que a semente de Abraão seria um herói conquistador. Assim, a ideia de sacrifício, como na ocasião em que seu filho, Isaque, foi oferecido, e a ideia de domínio, ou governo, estavam ambas associadas com a promessa de nosso Pai Celestial a Abraão. Por todo o Velho Testamento, e continuando no Novo Testamento, as promessas de Deus enfatizam esses dois aspectos do plano Divino de salvação.

UM PACIFICADOR E REGENTE

Quando Jacó, o neto de Abraão, estava prestes a morrer, ele conferiu bênçãos a seus filhos — sua “semente” natural. A bênção que ele conferiu a Judá foi na forma de uma profecia sobre a vinda daquele grande regente conforme subentendido na promessa feita ao seu avô. Jacó se refere a tal como “Siló” — significando tranquilidade ou alguém pacífico — e disse que “a ele se congregarão [*hebraico: obedecerão*] os povos”. (Gên. 49:8-12) Ele também disse que esse que sairia de Judá seria como um “leão”. O povo hebreu estava no Egito naquela época. No governo egípcio, um leão simbolizava o direito de reger. Consequentemente, observamos novamente a ideia de regência associada com a semente prometida.

Em Isaías 52:10 esse regente vindouro é chamado de “santo braço” de Jeová. Segundo a promessa, esse “braço” será revelado “perante os olhos de todas as nações; e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus”. No capítulo seguinte da profecia de Isaías, é revelado o fato de que esse “braço do SENHOR” precisa primeiro ser sacrificado, ‘como

um cordeiro ser levado ao matadouro’, e que seu governo precisa aguardar até que sua obra sacrificial se complete. — Isa. 53:1, 7

Isaías 9:6, 7 registra uma profecia sobre o nascimento da “semente” da promessa, onde lemos: “Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim. ... o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.”

O MONTE QUE É SÍMBOLO DO REINO

Quando Israel se tornou um reino, seus reis governavam a partir do monte Sião literal, em Jerusalém. Aquele era um governo teocrático no qual os sucessivos reis representavam a Deus, e era como se sentassem no “trono do SENHOR”. (1 Crô. 29:23) Nas promessas de um reino futuro feitas pelos profetas, Deus usou o termo “monte Sião” para simbolizar o reino Messiânico. Em outras ocasiões os profetas de Deus se referiram a este simplesmente como o “monte do SENHOR”. (Joel 2:32; Oba. 17, 21; Miq. 4:2, 7; Zac. 8:3) De fato, as várias promessas sobre o “monte Sião” e o “monte do SENHOR” são muito animadoras!

Em uma de tais profecias, lemos: “E o SENHOR dos Exércitos dará neste monte a todos os povos uma festa com animais gordos, uma festa de vinhos velhos, com tutanos gordos, e com vinhos velhos, bem purificados. E destruirá neste monte a face da cobertura, com que todos os povos andam cobertos, e o véu com

que todas as nações se cobrem. Aniquilará a morte para sempre, e assim enxugará o Senhor DEUS as lágrimas de todos os rostos, e tirará o opróbrio do seu povo de toda a terra; porque o SENHOR o disse. E naquele dia se dirá: Eis que este é o nosso Deus, a quem aguardávamos, e ele nos salvará; este é o SENHOR, a quem aguardávamos; na sua salvação gozaremos e nos alegraremos.” — Isa. 25:6-9

O profeta Daniel também previu o estabelecimento desse “monte do Senhor”. Na interpretação que Daniel fez do sonho de Nabucodonosor, no qual o rei de Babilônia viu uma estátua de aparência humana com uma cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de cobre e pernas de ferro, Daniel nos dá um vislumbre do reinado e da queda de quatro grandes potências gentias, começando com Babilônia e terminando com Roma. (Dan. 2:31-45) Compreendemos, por meio da interpretação de Daniel, que a cabeça da estátua representava o Império Babilônico, e que os pés e os dedos da imagem simbolizam as divisões do Império Romano, o último dessas quatro potências gentias. Os diversos Estados europeus em existência antes da Primeira Guerra Mundial, que começou em 1914, representavam esses “dedos”.

Em seu sonho, Nabucodonosor viu uma pedra “cortada, sem auxílio de mão, a qual feriu a estátua nos pés”, fazendo com que ela caísse, se espedaçasse e, por fim, se tornasse como a “pragana”, ou pó, espalhado pelo vento. Daí, “a pedra, que feriu a estátua, se tornou grande monte, e encheu toda a terra”. (vs. 34, 35) Segundo a interpretação de Daniel, “nos dias” desses reis

representados pelos dedos da estátua “o Deus do céu” estabelecerá um reino. Esse “monte”, ou reino do Senhor, Daniel predisse, não será dado a outro povo, mas “subsistirá [durará] para sempre”. — v. 44

Miqueias, outro profeta santo de Deus, também fez uma profecia na qual o reino de Deus é comparado a um monte. “Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e a ele afluirão os povos. E irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do SENHOR. E julgará entre muitos povos, e castigará nações poderosas e longínquas, e converterão as suas espadas em pás, e as suas lanças em foices; uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra. Mas assentar-se-á cada um debaixo da sua videira, e debaixo da sua figueira, e não haverá quem os espante, porque a boca do SENHOR dos Exércitos o disse.” — Miqueias 4:1-4

JESUS, O PROMETIDO

Essas e muitas outras promessas deram aos israelitas devotos e crentes uma sólida esperança de que Deus um dia lhes enviaria um grande Libertador, que os livraria da dominação estrangeira e os exaltaria a uma posição proeminente entre as nações. Quando Jesus veio, alguns dos israelitas o aceitaram como o prometido Messias. André disse a Pedro, seu irmão: “Achamos o Messias (que, traduzido, é o Cristo).” — João 1:40, 41

Todos os verdadeiros discípulos de Jesus tinham esse entendimento e crença. Para eles, Jesus era aquele a quem Deus havia enviado para cumprir todas as maravilhosas promessas sobre a “semente”, “Siló”, o “santo braço” de Jeová, aquele chamado de “Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz”. Eles acreditavam que ele seria incumbido da chefia sobre a casa regente de Deus no monte Sião de Jerusalém, e também aquele que estabeleceria um reino que abençoaria todas as nações com paz e segurança.

À medida que Jesus continuava com seu ministério, seus entusiasmados discípulos ficaram cada vez mais convencidos de que ele era, de fato, o Messias prometido. Ao passo que ele pregava sobre o reino, demonstrando as bênçãos deste pelos milagres, eles sabiam que o Deus de Israel certamente devia estar com esse homem maravilhoso. Embora não tivessem exército algum, eles acreditavam que através do poder de Deus, tão evidente nas obras de Jesus, Israel sob a liderança do Messias seria capaz de se livrar do jugo romano, tornar-se uma nação livre novamente e estender o prometido “monte” do reino de Deus a todo o globo. Faltando apenas alguns dias para morrer, quando Jesus entrou em Jerusalém montado num jumentinho foi aclamado por uma multidão de entusiásticos apoiadores como rei, o “Filho de Davi”. — Mat. 21:7-11

CONSTERNAÇÃO E ESPANTO

Contudo, quase sem aviso e contrário às expectativas de seus discípulos, Jesus foi morto por seus inimigos. O que parecia ser mais espantoso para eles foi

que ele se rendeu a seus inimigos, sem o menor esforço para se livrar das acusações apresentadas contra ele. Naturalmente, ao passo que os discípulos ainda mantinham um fio de esperança, eles achavam que um Messias morto não poderia cumprir as promessas feitas sobre ele. Como é que Jesus poderia agora estabelecer um reino, ou ser o Príncipe da Paz? Como poderia cumprir qualquer uma das coisas preditas sobre ele pelos profetas de Deus? Jesus estava morto, e suas expectativas pareciam desanimadoras.

A esperança deles, contudo, foi logo reavivada. Mesmo antes de o pleno impacto da morte de Jesus atingir a consciência dos discípulos, Jesus foi levantado dos mortos. Nos dias e semanas seguintes, ele lhes anunciou que “todo o poder” lhe havia sido dado “no céu e na terra”. (Mat. 28:18) Eles não compreenderam de imediato todas as implicações da morte e posterior ressurreição de Jesus. Por ter aparecido várias vezes a eles, e depois por meio da vinda do Espírito Santo no Pentecostes, os discípulos passaram a entender que Jesus de fato estabeleceria o tão prometido reino Messiânico, e numa escala muito maior do que eles jamais haviam imaginado. Não apenas o Messias estava vivo, como também havia sido ‘exaltado soberanamente’ à natureza divina, e se ‘assentado à destra do trono de Deus’. — Fil. 2:8, 9; Heb. 12:2

Os discípulos também ficaram sabendo que antes de o reino Messiânico ser estabelecido na Terra, um pequeno grupo de fiéis seguidores seriam selecionados dentre a humanidade e seriam preparados para viver e reinar com ele quando retornasse em seu segundo advento. Essa obra tem continuado por toda a

Era Evangélica desde o Pentecostes, mas o mundo em geral nada sabe a respeito disso. Os que têm se perguntando por que Deus não faz algo a respeito do sofrimento humano não percebem que ele tem estado preparando esses associados de Cristo para aplicar as leis de um governo que aliviará todo o sofrimento humano, e até mesmo destruirá a própria morte. (Rom. 8:16-23) De fato, Jesus morreu na cruz do Calvário para tomar o lugar dos pecadores na morte, para que toda a humanidade possa receber a oportunidade de ser restaurada à vida eterna aqui na Terra. — 1 Cor. 15:21, 22

“SE CRISTO NÃO RESSUSCITOU”

Alguns nos dias de Paulo não acreditavam que Jesus havia sido levantado dos mortos. Contudo, Paulo escreveu: “Se Cristo não ressuscitou, logo é vã [vazia] a nossa pregação, e também é vã [vazia] a vossa fé,” (1 Cor. 15:14) Jesus morreu para redimir a humanidade da morte, mas um Redentor morto não poderia restabelecer aqueles pelos quais ele morreu. “Se Cristo não ressuscitou”, então não existe uma “semente” da promessa para abençoar todas as famílias da Terra, e não haveria ninguém para cumprir todas as maravilhosas promessas messiânicas feitas pelos profetas. “Se Cristo não ressuscitou”, jamais poderia haver um reino mundial de paz e justiça. De fato, como a ressurreição de Jesus é importante para a realização do plano de Deus de salvação!

Contudo, com as palavras de nosso texto introdutório, Paulo afirma: “Agora Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, sendo ele as primícias dos

que dormem.” (1 Cor. 15:20, *TB*) Todos os mortos, cristãos ou não, estão “dormindo”, inconscientes. Mesmo os cristãos que “dormiram em Cristo”, a menos que haja uma ressurreição dos mortos, “pereceram”. (v. 18) Nossa garantia da ressurreição e de uma vida futura para todos os que morreram, portanto, se baseia no fato de que Jesus foi levantado dos mortos.

Cristo se tornou “primícias”, ou os primeiros frutos, dos que dormem, Paulo declarou. Com ele estão, qual parte da classe das “primícias”, seus fiéis seguidores da Era do Evangelho. (Tiago 1:18; Apo. 14:4) Estes são trazidos da morte no evento descrito pelo Revelador como “a primeira ressurreição”. (Apo. 20:4-6) A escolha e treinamento desses tem sido feita por toda a Era do Evangelho. Além disso, antes da ressurreição do restante da humanidade, os servos antigos de Deus, começando com Abel e prosseguindo até João o Batista, serão levantados do sono da morte naquilo que Paulo descreve como uma “melhor ressurreição”. (Heb. 11:1-40; Mat. 11:11) Esses serão os representantes humanos, — “príncipes [governantes] sobre toda a terra” — da celestial classe do Cristo durante o reino Messiânico. — Sal. 45:16

Na sequência ocorrerá o despertar geral de todos os mortos, “cada um por sua ordem”, também tornado possível pela morte e ressurreição de Jesus. (1 Cor. 15:23) Que abençoada esperança para o atual mundo fatigado e cheio de temor! É a esperança de que em breve aquele glorioso reino da promessa se manifestará com “poder e grande glória” para a bênção de todas as famílias da Terra. (Isa. 40:5; Mat. 24:30) É a esperança de que logo a paz e a boa vontade serão estabelecidas em

toda a Terra, e que o pecado, o egoísmo, a doença e a morte serão destruídos. Também é a esperança de que nossos entes queridos que faleceram serão acordados do sono da morte, para que eles também usufruam das bênçãos do reino Messiânico. Todas essas esperanças, e muito mais, estão garantidas porque Jesus Cristo foi levantado dos mortos.

Com toda a garantia, a Bíblia promete que está vindo um novo dia de oportunidade para todos, o qual Deus tornou uma certeza por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos. Paulo disse que Deus “tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem [Cristo] que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dentre os mortos.” (Atos 17:31) Que nos alegremos com essas maravilhosas verdades contidas na Palavra de Deus!

A fé poderosa

Versículo-chave: “E logo o pai do menino, clamando, com lágrimas, disse: Eu creio, Senhor! ajuda a minha incredulidade.” — Marcos 9:24

Versículos selecionados: Marcos 9:14-29

da sua majestade, porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando pela Magnífica Glória lhe foi comunicada esta voz: Este é o meu Filho diletto, em quem me agrado. Nós ouvimos esta voz, do céu comunicada, quando estávamos com ele no monte santo.” — 2 Ped. 1:16-18

Ao descerem do monte, encontraram os outros discípulos cercados por uma multidão, com os escribas lhes interrogando. Quando Jesus perguntou aos escribas por que estavam debatendo com os discípulos, um homem se destacou da multidão e explicou que trouxera seu jovem filho para que expulsassem um demônio que o atormentava. Jesus, em resposta, disse: “Ó geração incrédula! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei ainda? Trazei-mo.” Ao ver Jesus, o demônio

UM POUCO ANTES dos eventos da lição de hoje, Jesus apareceu “transfigurado” em um “alto monte” para Pedro, Tiago e João, vestindo uma gloriosa roupagem. (Marcos 9:1-9) Pedro mais tarde confirmaria a importância daquele evento por explicar que eles foram “testemunhas oculares

lançou o rapaz numa convulsão. — Marcos 9:14-20

Jesus perguntou por quanto tempo o menino estava sendo possuído pelo demônio, e o pai disse que era desde a infância. Jesus lhe disse: “Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê.” (vs. 21-23) O Senhor enfatizou que é preciso exercer fé no poder de Deus. Paulo mais tarde disse: “Sem fé é impossível agradar-lhe.” (Heb. 11:6) Percebendo que sua falta de fé era o motivo pelo qual o demônio ainda possuía seu filho, o homem clamou com lágrimas, conforme observado em nosso Versículo-chave. Jesus repreendeu o demônio, e esse imediatamente saiu do menino. — Marcos 9:24, 25

Depois disso, os discípulos perguntaram a Jesus por que não haviam conseguido expulsar o demônio. A resposta de Jesus é o foco da lição de hoje: “Essa espécie só sai pela oração e pelo jejum.” (v. 29 *NVI*) Jesus enfatizou a seus seguidores que eles teriam mais poder se levassem uma vida abnegada e de oração, baseada numa fé inabalável. O Senhor tem dado muitas “grandiosas e preciosas promessas” aos que vivem assim. Tanto nesse como em outros milagres, o Senhor fez da fé um requisito para a cura. Desse modo, suas obras manifestaram a glória e o poder futuros de seu reino, que haviam sido demonstrados no Monte da Transfiguração.

Deus está agora buscando uma classe especial de filhos fiéis e obedientes para serem coerdeiros de Jesus em seu vindouro reino glorioso. Ao selecionar essa classe, que ajudará a conceder as bênçãos de Deus a toda a humanidade, o Pai Celestial deseja apenas os que são capazes de exercer fé absoluta nele. Consequentemente, a regra que Deus usa ao lidar com a Igreja durante toda a

Era Evangélica tem sido: “Seja-vos feito segundo a vossa fé.” — Mat. 9:29

No reino, todos os que exercerem fé receberão manifestações do poder Divino. Hoje, contudo, recebemos o privilégio de desenvolver uma fé sólida e profunda baseada nas promessas de Deus. Ao descerem do monte, Jesus ordenou a Pedro, Tiago e João que não contassem a ninguém o que tinham visto, até que “o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos”. (Marcos 9:9) Os três desceram o monte com esse pensamento nitidamente gravado na mente. E desde a ressurreição de Jesus seus seguidores têm tido o privilégio de pregar, por meio de uma fé poderosa, a respeito da vindoura glória de seu reino.

Lição 2

A fé simples

Versículo-chave: “E Jesus, olhando para ele, o amou e lhe disse: Falta-te uma coisa: vai, vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, toma a cruz, e segue-me.”
— ***Marcos 10:21***

Versículos selecionados:
Marcos 10:17-31

O FOCO DA lição de hoje é um jovem homem de uma abastada família judaica que perguntou a Jesus: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” (Marcos 10:17) Jesus não respondeu de imediato, ele primeiro preparou o homem para que pudesse compreender corretamente. Jesus lhe perguntou por que o havia chamado de “bom”, visto que apenas

Deus é verdadeiramente bom. (v. 18) Essa resposta indica que existe apenas um padrão para a bondade — o qual é representado por Deus, o Pai. Embora não fosse errado chamar a Jesus de “bom”, o homem primeiro precisava reconhecer o padrão Divino. Só então ele poderia apreciar corretamente a Jesus como um mestre aprovado de Deus.

Jesus em seguida dirigiu a atenção daquele homem para a Lei, perguntando-lhe se havia guardado seus diversos mandamentos. (v. 19) Alguns talvez se perguntem por que será que Jesus não respondeu do modo como talvez fizéssemos hoje: “Confesse que é incapaz de guardar a Lei perfeitamente, acredite em Cristo Jesus como sendo aquele que o resgatou e faça uma completa consagração de sua vida ao Senhor.” Em resposta, afirmamos que ainda não havia chegado o tempo para se fazer plenamente tal declaração, pois o Pacto da Lei ainda estava em vigor. Jesus ainda não havia cumprido inteiramente a Lei, “cravando-a na cruz”. (Col. 2:14) Portanto, Jesus apropriadamente direcionou a atenção daquele homem para a Lei, mostrando que o caminho para a vida eterna era cumprir seus mandamentos.

Posteriormente, o Novo Testamento ensina aquilo que os judeus, como um povo, falhou em discernir. “Por isso nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado.” (Rom. 3:20) O propósito da Lei era, em primeiro lugar, testar a Jesus e demonstrar que ele era perfeito por ter sido capaz de guardá-la. Em segundo lugar, era demonstrar aos judeus, e a toda a humanidade, que era impossível qualquer um deles

guardar a Lei, a menos que a pessoa que guardasse os termos daquele pacto fosse um homem perfeito.

Quando o homem respondeu “tudo isso guardei desde a minha mocidade”, Jesus olhou com amor para ele. (Marcos 10:20) Ele viu que aquele homem tinha uma nobreza de caráter muito acima da de muitos. Contudo, o Senhor percebeu que os costumes da época o haviam cegado e por isso falhou em demonstrar amor e interesse pelos muitos pobres ao seu redor. Assim, Jesus gentilmente o lembrou desse fato por responder-lhe com as palavras registradas em nosso Versículo-chave.

Aquela era a resposta de que o homem precisava, e que lhe poderia ajudar a desenvolver a necessária fé simples para herdar a vida eterna. Todo judeu que estivesse pronto e disposto a sacrificar desse modo seus “tesouros” terrestres e se tornar um seguidor de Jesus seria considerado digno de ser mudado, ou transferido, da casa dos “servos” sujeitos a Moisés para a casa dos “filhos” sujeitos a Cristo. (Heb. 3:5, 6) Contudo, aquele jovem homem que estava tão cheio de confiança momentos antes, descobriu que o Mestre havia sondado o ponto mais vulnerável de seu coração. Ele não tinha amor suficiente por Deus e por seus semelhantes. “Ele, pesaroso desta palavra, retirou-se triste; porque possuía muitas propriedades.” — Marcos 10:22

Jesus então voltou-se para seus discípulos e lhes disse como é difícil “para os que confiam nas riquezas” entrar no reino de Deus. (vs. 23-27) Que nos lembremos dessas palavras de uma simples fé, ao passo que juntamos para nós “tesouros no céu. ... Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.” — Mat. 6:20, 21

Lição 3

A fé em conflito

Versículo-chave: *“E disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que hoje, nesta noite, antes que o galo cante duas vezes, três vezes me negarás.”*

— **Marcos 14:30**

Versículos selecionados:
Marcos 14:26-31, 66-72

A PALAVRA FÉ, conforme usada no Novo Testamento, é a tradução da palavra grega “*pistis*”, que significa “persuasão” ou “convicção”. Essa palavra também inclui a ideia de confiança em Cristo para a salvação, e de constância nessa declaração de fé. Nossa

lição de hoje se concentrará nessa constância, ou seja, na leal confiança em Cristo.

O apóstolo Pedro, antes de ter sido gerado pelo Espírito Santo, era um homem de forte caráter e coragem, mas também muito impetuoso. Por causa disso, em algumas ocasiões essa coragem era, na verdade, sua fraqueza. Por não sentir pavor ou medo, a autoconfiança de Pedro o induziu a vigiar e orar menos do que deveria. Jesus percebeu essa fraqueza de Pedro e o alertou das consequências: “Disse também o Senhor: Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo; Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres, confirma teus irmãos.” (Lucas 22:31, 32) Com autoconfiança, Pedro respondeu a Jesus dizendo: “Senhor, estou pronto a ir contigo até à prisão e à morte.” — v. 33

Em nosso Versículo-chave e nos Versículos

selecionados, vemos que a confiança que Pedro tinha em sua própria força foi grandemente testada. Jesus havia falado aquelas palavras com Pedro um pouco depois de sua última refeição com os discípulos. Eles caminharam até o Getsêmani, no Monte das Oliveiras. Jesus levou Pedro, Tiago e João para esse local onde ele poderia orar em particular, deixando-os sozinhos por algum tempo. “Então, voltou aos seus discípulos e os encontrou dormindo. “Simão”, disse ele a Pedro, “você está dormindo? Não pôde vigiar nem por uma hora? Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O espírito está pronto, mas a carne é fraca.” — Marcos 14:37, 38 *Nova Versão Internacional*

Por três vezes Jesus foi orar, e em cada vez seus três discípulos mais íntimos não conseguiram ficar despertos. Quando Jesus retornou pela terceira vez, ele disse “é chegada a hora”, e logo veio Judas com uma “grande multidão” ... “da parte dos principais dos sacerdotes, e dos escribas e dos anciãos”. O corajoso e impetuoso Pedro, de novo agiu com precipitação. Puxou sua espada e cortou a orelha de um dos servos do sumo sacerdote. (vs. 39-47) Jesus, contudo, se entregou, sabendo que havia chegado o tempo para completar sua missão terrestre. Pedro e os demais discípulos ficaram muito confusos. Verem seu Mestre aparentemente sem poder do céu, entregue a seus inimigos e arrastado de um tribunal para outro, teve um efeito paralisante neles, especialmente em Pedro. Por ter ido atrás de Jesus, Pedro foi reconhecido como sendo um dos discípulos do Nazareno. Ele foi identificado três vezes, e em cada uma dessas vezes negou que conhecia a Jesus — na terceira vez ele praguejou, e em seguida o galo cantou pela

segunda vez, como Jesus havia predito. — vs. 66-72

Naquela hora mais sombria e sem o Mestre a seu lado, a fé de Pedro entrou em grande conflito. Ele estava aprendendo a veracidade das palavras de Jesus: “O espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca.” (Marcos 14:38) Esse é o perigo de não permitir que nossa fé se baseie exclusivamente na força de nosso Senhor. Se confiarmos na carne, nossa fé será conflitante. Pedro foi informado de que seria peneirado por Satanás. Mais tarde, em sua primeira epístola, ele prometeu que nós, igualmente, passaríamos por provas de “fogo”, ou ardentes, para testar nossa fé. (1 Ped. 4:12, 13) Lembremo-nos do exemplo de Pedro, que venceu sua fraqueza, para que nossa fé fique mais forte com as provações e nos alegremos com isso.

Lição 4

A fé na ressurreição

Versículo-chave: “*Ele, porém, disse-lhes: Não vos assusteis; buscais a Jesus Nazareno, que foi crucificado; já ressuscitou, não está aqui; eis aqui o lugar onde o puseram.*”
— ***Marcos 16:6***

Versículos selecionados:
Marcos 16:1-8

A VERDADE SOBRE a ressurreição de Jesus no “terceiro dia” foi comprovada de três modos aos seus seguidores. Primeiro, “um anjo do Senhor, descendo do céu, chegou, removendo a pedra da porta” do sepulcro. (Mat. 28:2) A pedra foi removida para

não impedir a entrada das mulheres fiéis que estavam levando aromas para ungir o corpo de seu Senhor, e os soldados foram paralisados com medo para não interferirem na amorosa missão dessas mulheres. (v. 4) Segundo, o anjo dirigiu a atenção delas para o túmulo vazio e os panos mortuários, e disse que ele “já ressuscitou”. (vs. 5, 6) Terceiro, o próprio Jesus ressuscitado apareceu e falou primeiro com Maria Madalena do lado de fora do túmulo, depois com seus discípulos e com outros, conforme descrito pelo apóstolo Paulo. — João 20:11-20; 1 Cor. 15:1-8

Destacamos esses fatos relacionados com a ressurreição de Jesus porque essa é uma doutrina fundamental da crença cristã. Esse ensino é tão importante que o apóstolo Paulo disse: “Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos.” (1 Cor. 15:16-18) Outros textos indicam que a fé na ressurreição está intimamente relacionada com a fé no resgate nas promessas abraâmicas. — vs. 21, 22; 1 Tim. 2:3-6; Gên. 22:17, 18

A ressurreição de Jesus nos fornece a certeza de que Deus cumprirá sua promessa de abençoar a todas as famílias da Terra. É em virtude disso que Jesus declarou que seu Pai era um Deus “de vivos”, não “de mortos”. (Lucas 20:37, 38) A ressurreição também define a morte adâmica — não como a extinção eterna, mas como um sono inconsciente. “Na sepultura, ... não há obra nem projeto, nem conhecimento, nem sabedoria alguma.” (Ecl. 9:10) Portanto, com respeito à ressurreição futura

dos mortos, Jesus disse: “Vem a hora em que todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão: os que fizeram o bem, para a ressurreição da vida; e os que praticaram o mal, para a ressurreição do juízo.” — João 5:28, 29 *Tradução Brasileira*

Devido a essa doutrina, muitos no mundo cristão celebram o “Domingo de Páscoa” em memória da ressurreição de Jesus. Nos países de língua inglesa, a palavra utilizada para esse feriado é “Easter”. Essa palavra aparece uma vez na *King James Version* (Versão Rei Jaime), onde deveria ser apropriadamente traduzida, em vez disso, por “Páscoa”. (*Passover*, em inglês. Atos 12:4) Acredita-se que a Igreja Católica Romana e a Igreja Católica Grega passaram a utilizar o termo “Easter” referindo-se a um lembrete anual da ressurreição de Jesus para substituir um festival pagão de mesmo nome. Embora não haja nenhuma base bíblica para a celebração dessa páscoa “Easter”, nem dos muitos costumes posteriormente relacionados com ela, é bem apropriado para os cristãos lembrarem, de modo respeitoso e alegre, da ressurreição de Jesus, especialmente nesta época do ano.

Paulo explica que foi necessário que os doze apóstolos dessem testemunho de sua ressurreição. No Evangelho não poderia haver uma mensagem de esperança de favor Divino para a humanidade, se fosse por meio de um Salvador morto. A ressurreição de Jesus é a prova de que ele completou fielmente a obra pela qual veio ao mundo. Sua exaltação à mão direita de Deus nos permite dizer com confiança que “de fato Cristo ressuscitou”, e isso é uma garantia de que nossa fé não é “vã”, mas segura e firme. — 1 Cor. 15:3-22

Seus últimos dias

“Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer.” — João 17:4

O QUE uma pessoa faria se soubesse que tem apenas mais alguns dias de vida? A resposta que cada um daria depende em grande parte de como encara a vida de modo geral e sua concepção do que acontece após a morte. Um ateu que, em face da morte certa, continue a acreditar que aquele momento é o fim de tudo, pode facilmente decidir aproveitar ao máximo seus últimos dias de existência. Portanto, é capaz de se entregar a grandes festanças. Alguém que acredite no ensino falso da Idade das Trevas relativo à doutrina do tormento eterno para os ímpios provavelmente fará tudo ao seu alcance para escapar de tal destino horrível ao morrer. Já um fiel seguidor das pisadas do Mestre, por não temer a morte, simplesmente desejará se certificar de não deixar inacabado ou pendente nenhum aspecto do pacto que fez para fazer a vontade do Pai Celestial. Essa foi a atitude de Jesus, e ele é nosso exemplo perfeito.

Bem poucos do povo consagrado do Senhor tiveram a permissão de saber especificamente quando terminariam sua caminhada de autossacrifício. Portanto, devemos viver cada dia como se esse fosse o último. Devemos zelosamente usar cada oportunidade de serviço, bem como ter a coragem de aceitar e cumprir

cada responsabilidade conferida a nós pela providência de Deus. Paulo escreveu: “Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás.” — Heb. 4:1

Jesus *sabia* quando havia chegado aos últimos dias de seu ministério terrestre. Ele conhecia a profecia de Daniel que havia predito que o Messias seria “cortado” após as 69 semanas simbólicas contadas a partir do tempo em que havia sido emitida a ordem autorizando os judeus exilados a retornarem a Babilônia “para restaurar, e para edificar a Jerusalém”. (Dan. 9:25, 26) Além disso, ele sabia que seria na “metade” da septuagésima semana profética que seu “sacrifício e a oblação”, ou oferta, “cessariam”. (v. 27) Jesus compreendeu que a metade da septuagésima semana cairia na época da Páscoa judaica, durante a primavera. O mais importante é que ele estava ciente de que era o antitípico Pascoal “Cordeiro de Deus”, e que era a vontade de Deus que ele morresse pelo “pecado do mundo” na data designada para o cordeiro pascoal típico ser sacrificado, ou seja, no 14º dia do primeiro mês religioso de Israel. — João 1:29; Êxodo 12:1-14

A título de esclarecimento, observamos que este ano a maioria dos cristãos lembrará de modo especial a morte de Jesus na Sexta-feira Santa, dia 25 de março. De fato, será apropriado nos lembrar da morte de nosso precioso Redentor naquele dia, bem como seria em qualquer outro dia do ano. Contudo, segundo o calendário judaico, o 14º dia do primeiro mês em 2016 corresponde ao período de 24 h que se inicia após o pôr-do-sol da quinta-feira, 21 de abril. É nesse dia que o

cordeiro pascoal típico foi sacrificado e, mais importante ainda, corresponde ao aniversário da morte de Jesus qual “Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo”. (Apo. 13:8) Portanto, vemos que é apropriado fazermos esta consideração dos últimos dias da vida terrestre de nosso Mestre.

Visto que fica claro que Jesus sabia o exato dia em que morreria, é tanto instrutivo quanto inspirador observar como ele se portou e qual era sua principal preocupação durante seus últimos dias. Nosso texto introdutório resume belamente seu ponto de vista: “Eu glorifiquei-te na terra, tendo consumado a obra que me deste a fazer.” O grande objetivo do ministério de nosso Mestre era glorificar seu Pai Celestial. Ele sabia que o único modo de atingir esse objetivo era por realizar fielmente o trabalho que seu Pai lhe havia designado.

Durante todo o seu ministério, o Mestre foi ao Pai Celestial. Assim, quando Jesus estava a poucos dias do término de seu serviço fiel não havia motivo algum para mudar de proceder. Mas para se tornar plenamente fiel, mesmo até a morte, era necessário que continuasse com seu modo de agir, e que fizesse as mesmas coisas que estavam sendo feitas até então. É aí que vemos o exemplo perfeito da vida de Jesus. Desde o início de seu ministério, Jesus “andou fazendo bem”, usando de modo altruísta seu tempo, energia e habilidades para a bênção de outros, e desse modo estava glorificando ao Pai Celestial. — Atos 10:38

JESUS ENTRA EM JERUSALÉM

Os últimos dias do ministério terrestre de nosso Mestre foram cheios de atividades, começando com sua

entrada triunfal em Jerusalém, tendo sido aclamado o Rei dos Judeus. Em tudo o que fez, Jesus seguiu com muito cuidado às instruções registradas para ele no Velho Testamento. No início de seu ministério, observou que um número grande de simpatizantes queria fazer dele rei à força, mas ele não permitiu que isso acontecesse naquela ocasião. (João 6:15) Agora, porém, reconheceu que havia chegado o tempo para certa profecia do Velho Testamento se cumprir. Instruiu seus discípulos a encontrarem um jumento e, de acordo com a profecia, montou nele e entrou na cidade pelos portões, sendo aclamado entusiasticamente como rei por uma multidão. — Zac. 9:9; Mat. 21:1-9; Mar. 11:1-10; Luc. 19:28-38; João 12:12-15

Os inimigos de Jesus não gostaram de todo aquele alvoroço e gritaria e pediram que ele desse ordens para seus discípulos pararem com aquilo. Em resposta, ele explicou que, se as pessoas não fizessem isso, as próprias pedras clamariam. (Lucas 19:39, 40) Que grande fé ele manifestou ali! Jesus sabia que não se tornaria rei de fato naquela ocasião. Essa demonstração de honra, embora momentaneamente entusiástica, na maioria dos casos não emanava de profundas convicções. E de fato, não muitos dias depois, “todo o povo, disse: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos”. (Mat. 27:25) No entanto, o Mestre compreendeu que a aparente entrada triunfal em Jerusalém era uma das experiências pelas quais ele devia passar, e uma parte necessária dos planos que o Pai tinha para ele. Jesus estava tão confiante disso, tão certo que nenhum detalhe da profecia se deixaria de cumprir, que, se fosse necessário, as próprias pedras o aclamariam rei.

Essa é uma lição para todos os que se esforçam em seguir o exemplo de Jesus. Se estivermos proclamando fielmente a verdade assim como o Mestre fez, e com esse serviço manifestarmos o mesmo espírito de empatia e bondade para com os a quem ministramos, podemos eventualmente receber uma medida considerável de apreço pelo que fazemos. Podemos, até certo modo, e temporariamente, ser honrados. Contudo, não deveríamos permitir que tais experiências desviassem nossa mente e coração do proceder de sacrifício exigido por nosso pacto com o Senhor. Devemos nos lembrar de que, se hoje alguns talvez nos honrem, amanhã o Senhor pode permitir que enfrentemos preconceito e oposição.

E isso aconteceu exatamente com Jesus, embora ele poderia ter evitado tais coisas caso tivesse escolhido um proceder menos fiel a seu Pai Celestial. A exaltação na época atual é um teste para os consagrados, especialmente quando a contrastamos com a desonra, a vergonha, o sofrimento e a morte. Jesus passou por esse teste um pouco antes de chegar o tempo de ele ser preso e condenado à morte. Ele possuía uma personalidade maravilhosa e grandes habilidades de persuasão. Portanto, mesmo a essa altura dos eventos, e embora seus inimigos estivessem planejando matá-lo, se Jesus tivesse se desviado de seu proceder de lealdade a Deus e concordado em cooperar com aquelas pessoas, ele poderia ter se tornado um líder proeminente de Israel. Os aplausos do mundo se tornam uma verdadeira tentação para agradarmos a homens de modo a recebermos mais honra, mas Jesus não cedeu a essa tentação.

Após sua entrada régia em Jerusalém montado num jumento, e tendo sido entusiasticamente aplaudido por muitos, Jesus foi para o templo. Ali ele fez algo que aumentou a oposição de seus inimigos — ele expulsou os cambistas do templo. Em conexão com isso, ele denunciou os que haviam sido responsáveis por transformar a casa de oração de Deus em um covil de ladrões. (Mat. 21:12, 13; Lucas 19:45, 46) Jesus então começou a ensinar no templo, e embora os líderes religiosos ‘procurassem matá-lo’, não conseguiram encontrar uma oportunidade, “porque todo o povo pendia para ele, escutando-o”. — Lucas 19:47, 48

FAZENDO O BEM

Enquanto estava no templo naquela ocasião, os cegos e os coxos iam até Jesus e “ele os curava”. (Mat. 21:14) Por mais de três anos ele havia curado os cegos e os coxos, de modo que aquilo não era novidade. No entanto, isso enfatiza que embora Jesus soubesse que ele tinha apenas alguns dias de vida, ele ainda se dispunha a usar seu tempo e energia para ajudar outros. Ele se alegrava em estender a eles as bênçãos que, embora temporárias no momento, sua morte tornariam permanentemente disponíveis a toda a humanidade quando ele se tornasse de fato o rei de toda a Terra. Mesmo restando-lhe poucos dias de vida, Jesus não achou que tivesse o direito de usar esses dias para seus próprios interesses. Ele ainda precisava realizar a obra de seu Pai e, portanto, glorificá-lo.

O ministério de Jesus de modo algum era algo obrigatório, meramente baseado no senso de dever. Ele realmente amava as pessoas, e trabalhava

incansavelmente para ajudá-las até o fim. Seu interesse e zelo eram genuínos, e não poderiam ter sido mais intensos, mesmo se ele tivesse esperado converter todo o Israel, ou o mundo, naquela ocasião. Isso se torna evidente pelo fato de que, mais cedo naquele dia, ao entrar em Jerusalém, ele olhou para a cidade e chorou, dizendo: “Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, [o que] à tua paz [pertence]! Mas agora [isto] está encoberto aos teus olhos.” — Lucas 19:41, 42

À medida que o dia findava, Jesus sabia que seus inimigos estavam em Jerusalém buscando a primeira oportunidade favorável para capturá-lo. Ele não tinha medo disso, mas visto que ainda não havia chegado o dia exato no plano do Pai para ele morrer, ele não arriscou permanecer na cidade naquela noite. Em vez disso, ele e seus doze discípulos foram para Betânia, onde passaram a noite. (Marco 11:11) Nenhum dos relatos do Evangelho nos informam onde em Betânia Jesus e os discípulos pernoitaram, mas pode ter sido na casa de Maria, Marta e Lázaro. Fica evidente que esses amigos especiais os receberam na noite anterior, e o relato diz ter sido seis dias antes da páscoa. (João 12:1, 2) Lembramos que foi nessa ocasião que Maria ungiu os pés de Jesus com o custoso unguento, ou perfume, e depois os enxugou com seus cabelos. — v. 3

DE VOLTA AO TEMPLO

Na manhã seguinte, Jesus e os doze retornaram ao templo em Jerusalém. No caminho, Jesus viu uma figueira que tinha folhas, mas não fruto. Dirigindo-se a ela, ele disse: “Nunca mais nasça fruto de ti” e “a figueira secou imediatamente”. (Mat. 21:18, 19) Jesus

falou com a figueira não porque estava com raiva dela, mas porque sabia que nas Escrituras ela simboliza a nação de Israel. (Jer. 24:1-7) A figueira que estava no “caminho” e não tinha fruto, representava a condição de Israel naquele tempo — infrutíferos e rejeitando a Jesus, algo que logo resultaria em serem abandonados e em definharem como nação. Lembramos que posteriormente, um dos sinais que Jesus deu para seu retorno e presença foi uma figueira brotando — representando o retorno do favor a Israel, e, por fim, aceitarem a Jesus qual Messias. — Mat. 24:32

Chegando ao templo, Jesus novamente voltou a ensinar. Logo após ter começado, “acercaram-se dele... os sacerdotes e os anciãos do povo” e exigiram que fossem informados com que autoridade estava fazendo “isto”, referindo-se evidentemente ao seu ensino e à expulsão dos cambistas no dia anterior. (cap. 21:23) Desse ponto e até o fim do capítulo 22, o Mestre fornece uma série de instruções notáveis, direcionadas principalmente aos líderes religiosos judeus que o haviam questionado.

Lembre-mo-nos que Jesus sabia que tinha apenas mais alguns dias de vida, mas, mesmo assim, continuou a deixar sua luz brilhar, testemunhando às pessoas para as quais ele não tinha muita esperança de se tornar uma bênção real naquele tempo. Contudo, ele havia recebido uma missão de seu Pai, e estava determinado a cumpri-la fielmente. Dirigindo-se aos líderes religiosos que o haviam rejeitado e tramado matar, Jesus aproveitou a ocasião para chamar a atenção para a exata situação em que essas pessoas se encontravam, quais opositoras do plano de Deus.

É nesse discurso que Jesus apresenta a Parábola dos Dois Filhos. Um deles, quando se lhe pediu que trabalhasse na vinha do pai, recusou-se a fazê-lo, mas depois se arrependeu e foi trabalhar. O segundo filho concordou inicialmente em trabalhar, mas depois se arrependeu e não honrou seu compromisso. Os príncipes, ou chefes, dos sacerdotes e os anciãos concordaram que o filho que inicialmente recusou mas depois se arrependeu foi aquele que agradou a seu pai. Daí Jesus aplicou a parábola, dizendo-lhes que os publicanos (cobradores de impostos) e as prostitutas — representados pelo filho que se arrependeu — entrariam no reino de Deus primeiro que eles. A posição deles, Jesus explicou, era a do filho que concordou servir, mas depois não fez isso. Apenas aqueles que fazem a vontade do Pai Celestial — não apenas da boca para fora — são os que entrarão no reino. — vs. 28-32

Na sequência Jesus contou a Parábola do Dono de Casa, ou Proprietário, que “plantou uma vinha”. (vs. 33-41) No Velho Testamento somos informados de que “a vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel”. (Isa. 5:7) Na parábola, Jesus disse que o dono de casa pôs uma cerca ao redor da vinha, construiu um lagar (tanque para pisar as uvas e fazer vinho) e construiu uma torre para o vigia a proteger. O dono de casa então deixou tudo aos cuidados de lavradores e foi viajar para um lugar distante. Depois, o dono de casa enviou seus servos para recolher o produto de sua vinha, mas os lavradores “feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro”. Daí ele enviou mais servos, mas “eles fizeram-lhes o mesmo”. Por fim, ele enviou seu próprio filho, mas os lavradores também o mataram, achando que

talvez herdariam a vinha. Jesus explicou que quando o dono de casa viesse à vinha, “daria afrontosa morte” aos lavradores que haviam sido tão desleais a ele.

Após ter contado essas duas parábolas, Jesus perguntou aos príncipes dos sacerdotes e aos anciãos se eles haviam lido nas Escrituras sobre a “pedra, que os edificadores rejeitaram” que se tornaria a “cabeça do ângulo”. Ele explicou que “quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á” e também que “aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.” (Mat. 21:42-44; Sal. 118:22, 23) Essa ilustração mostra que o reino de Deus seria tirado daqueles líderes religiosos que, até então, eram reconhecidos por ele, e seria dado “a uma nação que dê os seus frutos”. Esta seria o “sacerdócio real” e “nação santa” posteriormente descrita por Pedro. — 1 Ped. 2:9, 10

Isso não era uma denúncia pessoal dos líderes religiosos judaicos, pois Jesus não sentia amargura no coração por eles. Era simplesmente uma declaração franca dos fatos e um testemunho sobre o proceder errado deles e suas inevitáveis consequências. Então, “ouvindo estas palavras, entenderam que falava deles”. Contudo, o coração deles não abrandou. Em vez disso, se pudessem prenderiam imediatamente o Mestre, mas ao verem que a multidão estava a favor dele, preferiram esperar uma oportunidade mais favorável. — Mat. 21:45, 46

Jesus não teve medo daqueles que agora eram seus inimigos. Sua vida estava nas mãos de seu Pai, de modo que contou outra parábola. Um rei preparou uma festa de casamento para seu filho, mas os convidados não compareceriam. Então ele enviou os servos “às

saídas dos caminhos”, ou “pelas ruas” para encontrarem outras pessoas para preencherem as vagas. (cap. 22:1-10) Assim, os líderes religiosos foram lembrados mais uma vez de que, por causa de sua infidelidade, outros ocupariam seus lugares na “ceia das bodas”, ou festa de casamento do Rei dos reis. — Apo. 19:7-9

Por terem medo de prender Jesus enquanto a maioria dos presentes ali demonstrava gostar dele, os inimigos de Jesus tentaram armar um laço para ele por meio de “perguntas ardilosas”. Ao fazerem isso, desejavam revelar que a sabedoria deles era superior, e possivelmente mostrar que Jesus não era um instrutor confiável. Eles sem dúvida esperavam que isso faria com que o povo ficasse contra Jesus, dando a eles a tão esperada oportunidade para capturá-lo. Mas esse plano também falhou, de modo que “deixando-o, se retiraram”. — Mat. 22:15-22

Mais tarde naquele mesmo dia os saduceus fizeram a Jesus uma pergunta que tinha que ver com a descrença deles na ressurreição dos mortos. Eles propuseram ao Mestre algo que pensavam ser um argumento irrefutável para provar que não poderia haver uma ressurreição, porque se houvesse, resultaria em caos para a humanidade. A pergunta hipotética era sobre uma mulher que havia tido sete maridos enquanto viva. “Na ressurreição, de qual dos sete será a mulher?” Mas a sabedoria deste mundo fracassou novamente, pois quando as pessoas ouviram a resposta do Mestre, “ficaram maravilhadas da sua doutrina”. — vs. 23-33

UM TESTEMUNHO GERAL

Em Mateus capítulo 23, quatro dias antes de sua morte, está registrada uma mensagem que Jesus deu “à multidão, e aos seus discípulos”. Os líderes religiosos ainda se sentavam “na cadeira de Moisés” quais representantes de Deus perante a nação. Portanto, Jesus exortou seus ouvintes a obedecerem esses líderes — isto é, a “observar” seus ensinamentos sobre a justiça, mas sem praticarem suas “obras” injustas. — vs. 1-3

Jesus deixou bem claro nesse capítulo que um “ai” — uma exclamação de pesar — por fim sobreviria a esses “condutores cegos”. (vs. 13-35) Eles seriam punidos, bem como toda a nação, e isso não se daria num futuro obscuro e longínquo. Ele disse que aquele ai ‘haveria de vir sobre esta geração’. (v. 36) Daí Jesus emitiu aquele momentoso e fatídico decreto a Israel: “Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta; ... desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor.” — vs. 37-39

PROFECIA SOBRE A SEGUNDA PRESENÇA

Jesus estava prestes a abandonar a descrente nação de Israel, não para sempre, mas até chegar o tempo em que estariam prontos para aceitá-lo como o Messias enviado por Deus. Os líderes estavam conspirando matá-lo, mas com isso Jesus reconheceu que o tempo que o Pai Celestial havia designado para ele “terminar a obra” estava rapidamente chegando ao fim. Embora Jesus houvesse exposto corajosamente os pecados dos líderes religiosos de Israel, e de eles estarem prestes a matá-lo, Jesus se alegrou com a perspectiva de

que chegaria o tempo em que ele abençoaria essas pessoas.

Com tal garantia de futuras bênçãos, Jesus e seus discípulos deixaram o templo. Sua obra de testemunho a Israel havia terminado. Ele agora procurava uma oportunidade para instruir e encorajar seus discípulos. Disse-lhes que o templo seria destruído — “Não ficará aqui pedra sobre pedra.” Ao se retirar para o Monte das Oliveiras, os discípulos se chegaram a ele em “particular” e perguntaram: “Quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda [grego: *parousia*, que significa presença], e do fim do mundo [grego: *aion*, que significa Era]?” — Mat. 24:1-3

Eles haviam acabado de ouvir Jesus dizer às pessoas que elas não o veriam mais até que ele viesse novamente. Ele havia dito que o templo seria destruído, então eles estavam ansiosos para saberem mais sobre tais eventos. Quando é que essas coisas vão acontecer e como saberemos que o Senhor retornou? Em resposta a tais perguntas, nosso Senhor lhes deu a grande profecia sobre a Era vindoura e seu retorno próximo ao fim dessa Era. Ele não havia falado muito sobre esse assunto anteriormente, pois o tempo para isso ainda não havia chegado. Por não terem o Espírito Santo, os discípulos tinham dificuldade em compreender plenamente as coisas que Jesus lhes dizia. Se tivessem sido confrontados com o fato de que o reino não seria estabelecido naquela época, e que haveria um período de tempo, uma Era intermediária, durante a qual Jesus estaria longe deles, eles teriam se sentido perplexos e desanimados.

No entanto, as verdades que anteriormente teriam sido prejudiciais para eles, agora eram necessárias para seu encorajamento. Eles haviam escutado o próprio Jesus dizer que o templo seria destruído e que ele partiria, para voltar depois. Isso frustrou seus cálculos sobre quando Jesus seria entronizado e reinaria com eles. Indicou-lhes que quando ele foi aclamado como rei no dia anterior, isso não seria sancionado pelos romanos, nem contaria com a aprovação dos líderes religiosos de Israel. Para que os discípulos continuassem tendo fé que Jesus era o Messias, eles precisariam saber mais sobre sua partida e posterior retorno.

Contudo, visto que ainda não haviam sido gerados pelo Espírito Santo, é provável que os discípulos não tenham compreendido o real significado do que Jesus lhes havia dito em resposta. Pela providência de Deus, entretanto, essas circunstâncias permitiram ao Mestre uma excelente oportunidade para descrever uma impressionante sequência de eventos que serviriam de sinais orientadores para seu povo quando chegasse o tempo devido para verem e compreenderem tais coisas. (vs. 4-51) Além disso, sua profecia tem servido para fazer com que os que “vigiam” harmonizem de modo apropriado as palavras de Jesus com as declarações proféticas do Velho Testamento. Por esse meio, e posteriormente por meio dos escritos dos apóstolos, o “espírito de profecia” tem guiado o povo consagrado do Senhor através da noite até que “o dia amanheça, e a estrela da alva” se levante no coração deles. — Apo. 19:10; 2 Ped. 1:19

Explicar essas verdades dispensacionais, ou seja, relacionadas com períodos de tempo, era parte da obra

que o Pai Celestial tinha dado ao Mestre para fazer. Embora sua morte se aproximasse, ele estava mais preocupado em terminar sua obra do que com o sofrimento pelo qual sabia que teria de passar para consumir seu sacrifício. Jesus poderia ter dado aos discípulos uma resposta bem mais curta às suas perguntas, mas sua resposta abrangeu muito mais do que a pergunta original. Ele descreveu a obra da Era Messiânica, aquela parte de sua segunda presença que se segue imediatamente aos eventos mundiais calamitosos que são alguns dos primeiros sinais de sua presença invisível.

Se soubéssemos que temos apenas alguns poucos dias de vida, provavelmente ficaríamos tão preocupados conosco mesmos que dificilmente pensaríamos em ajudar outros por lhes informar a respeito de eventos distantes no futuro. Jesus, contudo, não apenas proferiu um maravilhoso sermão profético, mas mostrou que o mundo de Satanás seria destruído em resultado de sua segunda presença, e revelou que logo em seguida haveria uma nova ordem mundial. Na Parábola das Ovelhas e dos Cabritos, ele descreve um tempo em que “todas as nações” receberão a oportunidade de retornarem a Deus e de “herdarem o reino preparado” para elas “desde a fundação do mundo”. — Mat. 25:31-34

A MENSAGEM FINAL AOS DISCÍPULOS

Jesus estava com seus discípulos especialmente escolhidos na última noite antes de sua morte. Ele passou uma parte daquele tempo na “sala no andar superior”, ou “cenáculo”.

Após terem saído da sala no andar superior, e estando a caminho do jardim de Getsêmani, Jesus transmitiu sua mensagem final aos discípulos — registrada nos capítulos 14 a 15 de João — sabendo que em apenas algumas horas ele seria removido do meio deles. Como foram preciosas as coisas que ele falou! “Não se turbe o vosso coração.” “Vou preparar-vos lugar; ... para que onde eu estiver estejais vós também.” “Eu sou o caminho, e a verdade e a vida.” “Aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.” “E tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei.” “Se me amais, guardai os meus mandamentos.” “O Pai ... vos dará outro Consolador, ... o Espírito de verdade.” “Aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele.” “Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou.” — cap. 14

“Eu sou a videira, vós os ramos. ... Nisto é glorificado meu Pai, que deis muito fruto; e assim sereis meus discípulos.” “Tenho-vos dito isto, para que ... a vossa alegria seja completa.” “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós, me odiou a mim.” “Tenho-vos dito estas coisas para que vos não escandalizeis.” “O Espírito de verdade ... vos guiará em toda a verdade.” “Vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará.” “Pois o próprio Pai os ama.” “Tenho-vos dito isto, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo.” — caps. 15, 16

A OBRA TERMINADA

O Evangelho de João registra então a maravilhosa oração que Jesus fez ao se aproximarem de Getsêmani. (cap. 17) A obra que o Pai lhe dera para realizar estava agora completa, e por meio dela Jesus havia glorificado seu Pai. Como era apropriado que, ao concluir sua obra, ele suplicasse as bênçãos de seu Pai aos que agora o representariam após sua partida. Jesus estava preocupado com seus discípulos, de modo que orou para que fossem “um”, assim como ele e o Pai eram “um” em propósito e desejo. Ele orou para que Deus os “santificasse” pela verdade, e para que soubessem que o Pai os amava do mesmo modo que amava a Jesus.

Em sua oração, Jesus também não se esqueceu do mundo. Ele incluiu em seu pedido o derradeiro propósito da obra redentora — “para que o mundo conheça que tu me enviaste”. Depois de Jesus ter dito essas palavras consoladoras aos onze, em oração ao Pai, ele “saiu com os seus discípulos para além do ribeiro de Cedrom” e entrou no Getsêmani, onde foi traído por Judas e preso. — cap.18:1-12

Para Jesus, a “noite, ... quando ninguém pode trabalhar” havia começado. (João 9:4) Agora ele teria de suportar o sofrimento mental e físico que seus inimigos lhe infligiriam. Com plena satisfação, Jesus aguentaria tudo o que fosse necessário para glorificar seu Pai — “Não se faça a minha vontade, mas a tua.” (Lucas 22:42) Sua obra estava concluída, mas ainda assim não escondeu a luz da verdade. Quando Pilatos lhe perguntou se era um rei, Jesus respondeu: “Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo”, explicando, contudo, que seu reino não era “deste mundo”. — João 18:36, 37

Quando Jesus estava pendurado na cruz e sentindo uma dor agonizante, um dos ladrões lhe pediu que se lembrasse dele no reino. Jesus deu mais um testemunho, dizendo ao ladrão, mesmo naquele dia tenebroso de ignomínia e morte: “Estarás comigo no Paraíso.” (Lucas 23:39-43) Ele sabia que apesar de ser crucificado por seus inimigos, seria levantado dos mortos e exaltado como Rei sobre toda a Terra. O resultado de seu reinado seria a restauração do paraíso, onde o ladrão, bem como toda a humanidade, estariam. Eles receberiam a oportunidade de crerem nele, obedecerem às leis de seu reino e viverem para sempre. Por saber de tudo isso, Jesus teve a alegria de usar suas forças que rapidamente se esgotavam para dizer aquilo. Suas palavras estavam em plena harmonia com o que Pedro falaria poucas semanas depois sobre os “tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio”. — Atos 3:20, 21

Em seus momentos finais, Jesus clamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mat. 27:46) Essa era, na verdade, uma citação de Salmo 22. O restante desse Salmo registra eventos que se deram na vida de Jesus. É possível que Jesus tenha meditado nessa oração e fortalecido sua fé, recebendo alívio naquele momento de desespero. Com plena confiança, Jesus disse com seu último fôlego: “Está consumado.” — completamente terminado — “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”, minha vida. — João 19:30; Lucas 23:46

Jesus é nosso grande modelo. Embora nenhum de nós hoje consiga saber precisamente quando

entraremos em nossos dias finais, acredita-se entre os cristãos mais esclarecidos pela verdade que esse tempo é curto — talvez mais curto do que pensemos. Como estamos usando nosso tempo? Estamos pensando muito em nós mesmos e em como podemos nos certificar de nossa própria posição no reino? Ou será que nos contentamos, em vez disso, em deixar tais coisas nas mãos de nosso Pai Celestial enquanto que nós, imitando a Jesus, redobramos os esforços para realizar a obra daquele que nos chamou?

Ao nos lembrar de como Jesus usou suas forças para servir aos discípulos porque os amava, será que estamos amando nossos irmãos como ele nos amou? Estamos entregando nossa vida em favor deles, assim como Jesus fez por nós? Todo crente consagrado deve pensar seriamente e com oração nessas perguntas importantes durante esta época, quando em breve celebraremos o Memorial da morte do Cordeiro de Deus. Portanto, que todos consideremos a Jesus e o sigamos até a morte — acreditando em sua promessa de que, se formos fiéis até a morte, receberemos dele a “coroa da vida”. — Apo. 2:10